



History of Education in Latin America - HistELA

This work is licensed under a [Creative Commons — Attribution 4.0 International — CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Entre nacionalizar e desnacionalizar: o Centenário de Blumenau na leitura política dos jornais escolares (Santa Catarina, 1950)

Between nationalizing and denationalizing: the Centennial of Blumenau in the political perspective of school newspapers (Santa Catarina, 1950)

Anne Caroline Peixer Abreu Neves

Orcid: 0009-0001-3219-1759

Departamento de História, Fundação Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, Brasil, Email: annecpan@gmail.com

Cristiani Bereta da Silva

Orcid: 0000-0003-2304-0307

Departamento de História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil, Email: cristianibereta@gmail.com

DOI: 10.21680/2596-0113.2024v7n1ID38104

Citation: Neves, A. C. P. A.; Silva, C. B. (2024). Entre nacionalizar e desnacionalizar: o Centenário de Blumenau na leitura política dos jornais escolares (Santa Catarina, 1950). *History of Education in Latin America - HistELA*, 7(1). Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/38104>

Competing interests: The author has declared that no competing interests exist.

Editor: Olivia Moraes de Medeiros Neta

Received: 30/12/2024

Approved: 10/12/2024

OOPEN ACCESS

Resumo

O objetivo desse artigo é analisar como a comemoração do Centenário de Blumenau, em setembro de 1950, foi apresentada pelos jornais produzidos por escolas primárias do município, a fim de perceber a condução pedagógica e também política das ressonâncias do projeto nacionalizador tensionado pelos propósitos de desnacionalização. Os jornais escolares são aqui compreendidos como memórias arquivadas, que possibilitam pensar a interlocução dessas escolas com seus tempos e espaços de inserção, sem deixar de considerar as singularidades próprias a cultura escolar, ainda que sob o âmbito da prescrição.

Palavras-chave: Jornais Escolares; Centenário de Blumenau; Nacionalização; Desnacionalização.

Abstract

The aim of this article is to analyse how the commemoration of Blumenau's Centenary in September 1950 was presented in the newspapers produced by the municipality's elementary school, in order to understand the pedagogical and also political resonances of the nationalizing project, which was tensioned by the aims of denationalization. The school newspapers are understood here as archived memories, which make it possible to think about the interlocution of these schools with their times and spaces of insertion, without failing to consider the singularities of school culture, even under the scope of prescription.

Keywords: School Newspapers; Blumenau Centennial; Nationalization; Denationalization.

Introdução

Centenário de Blumenau

Dia 2 de setembro, Blumenau passou por uma data festiva, completou o primeiro século de existência. Havia representações de várias partes do Brasil: altas autoridades políticas, militares e religiosas. Foram 10 dias de festas do seu laborioso povo e seus ilustres visitantes. As exposições foram maravilhosas. Dentre as que mais me agradaram, posso contar uma que me entusiasmou sobremaneira foi a da Porcelana Schmidt, estabelecida em nossa vila. [...]. No dia 3 de setembro desfilaram carros alegóricos pelas ruas de Blumenau, fazendo recordar como era Blumenau quando seu destemido fundador aqui chegou. As festividades do Centenário foram encerradas em 10 de setembro, ficando, no entanto, as exposições ao dispor de todos quantos as quiserem apreciar. “Celebremos o audaz pioneiro Sonhador de visão temerária que de um virgem sertão brasileiro fez surgir Blumenau Centenária”ⁱ (Schutthus, 1950, p.2).

Esse texto, originalmente manuscrito, foi atribuído ao estudante do 4º ano, Jorn Schutthus, e publicado na edição de setembro do *Alerta Estudantes!*, jornal do Grupo Escolar José Bonifácio, localizado no distrito de Rio do Testeⁱⁱ, Blumenau. Nas décadas de 1930 e 1940, sobretudo na vigência do Estado Novo, período autoritário do governo de Getúlio Vargas, os jornais escolares, para além de uma “inovação pedagógica”, ocuparam função de destaque no projeto de nacionalização em curso em Santa Catarina. Como uma das associações auxiliares da escola, era responsável por veicular atividades das outras associações em funcionamento, incluindo aquelas promovidas pela Liga Pró-Língua Nacional. Ambas deveriam cumprir a importante missão de ensinar as crianças, especialmente, aquelas das antigas zonas coloniais,

a serem brasileiras. Procedimento que reverberou nos anos seguintes, mesmo com o fim do Estado Novo. Em Blumenau, um acontecimento que abriu espaço nas páginas de alguns jornais escolares, habitualmente dedicadas, no mês de setembro, às homenagens nacionais envolvendo a Independência do Brasil, foi a comemoração do Centenário do município. Nessas edições foram referenciados os colonizadores do passado, descritos elementos dos festejos praticados naquele presente e, anunciado o futuro de Blumenau como cidade na via do progresso, uma sobreposição de temporalidades interessadas em evidenciar o valor desse município integrado à nação brasileira.

O objetivo desse artigo é analisar como os jornais escolares, em uma área de colonização estrangeira, contribuíram para divulgar no processo de escolarização das crianças, a reelaboração do projeto de nacionalização afirmada com a comemoração do Centenário de Blumenau. Foram localizados 37 jornais escolares elaborados por estudantesⁱⁱⁱ, sob mediação e/ou intervenção docente, de escolas primárias de Blumenau, publicados nas décadas de 1940 e 1950. Desse conjunto, foram identificados 16 com edições em 1950, sendo 9 os que apresentaram notícias sobre o centenário nas publicações de setembro: *Alerta Estudantes!*, do Grupo Escolar José Bonifácio; *Nosso Jornal*, do Grupo Escolar Pedro II; *O Beija-Flor*, do Grupo Escolar Municipal Machado de Assis; *O Pioneiro Escolar*, do Grupo Escolar Luiz Delfino; *Avante*, da Escola Municipal Orestes Guimarães; *Graúna*, Escolas Estaduais de Velha; *Meu Brasil*, Escola Mista Municipal Desdobrada Anita Garibaldi; *Meu Brasil*, Escola Mista Municipal Duque de Caxias; *Ordem e Progresso*, da Escola Particular São José.

Compreende-se que essas fontes podem ser capazes de informar singularidades próprias a cultura escolar, ainda que sob o âmbito da prescrição. Viñao Frago (2008) define cultura escolar como “toda a vida” de uma determinada instituição educativa. Todavia ele destaca a singularidade dentro dessa acepção tão abrangente, pois o conjunto de teorias, princípios, normas, rituais, práticas, inércias etc. consolidadas ao longo do tempo, em forma de tradições, regularidades e regras não ditas, são compartilhadas pelos sujeitos que fazem parte de uma determinada escola, num determinado tempo. É no interior deste espaço, em sua própria realidade, portanto, que processos e políticas, que lhe são exteriores, são apropriados, e que podem não corresponder necessariamente aquilo que foi postulado, prescrito (Escolano Benito, 2017). A ideia, neste artigo, é observar o entrecruzamento de dimensões da cultura escolar com a cultura política, compreendida, a partir de Serge Bernstein (2009), como um conjunto complexo de representações coerentes ou rivais entre si, que determinam a compreensão dos sujeitos sobre a organização da sociedade na qual tomam parte, dos sistemas de poder, dos comportamentos políticos etc. e que incidem sobre a adesão ou não a determinados projetos de futuro.

A análise proposta é resultado da articulação das pesquisas desenvolvidas pelas pesquisadoras no Grupo de Pesquisa Ensino de História, Memória e Culturas (CNPq/Udesc)^{iv}, que convergem em refletir como projetos políticos voltados a conformação de uma dada identidade “nacional” que atingiram diretamente as escolas, podem ser de longa duração, capazes de subsistir como memórias no presente, mediando sentidos sobre o passado e, conseqüentemente, sobre o futuro.

Jornais escolares e o projeto de nacionalização

Era o Departamento de Educação, criado em 1935, que fiscalizava a implantação e funcionamento de todas as associações auxiliares da escola, a saber: Jornais Escolares, Clube Agrícola, Liga Pró-Língua Nacional, Pelotão de Saúde, Liga da Bondade, Biblioteca Escolar, Clube de Leitura, Orfeão Escolar, Museu Escolar, Caixa Escolar, Cooperativa Escolar, Círculo de Pais e Professores e Centros de Interesse. Elas funcionavam como pequenas organizações dentro das escolas públicas e particulares, principalmente no Primário e Cursos Complementares, os últimos anexos aos Grupos Escolares, também conhecidos como Cursos Normal Primário, pois seus egressos estavam aptos a exercerem a docência em escolas isoladas do Estado. Estudantes de diferentes idades e séries, dirigiam e participavam do funcionamento no cotidiano escolar, sob a orientação de um professor responsável (Otto, 2012). Há vestígios de que algumas dessas associações ultrapassaram a década de 1960, em muitos casos com vida longa, mesmo após o final das fiscalizações e obrigatoriedades, destacando-se os jornais escolares, que, nos modelos propostos na década de 1930, seguiram sendo produzidos até a década de 1970 (Silva, Vieira, 2024).

Como parte importante das políticas públicas educacionais em Santa Catarina, o Departamento de Educação trabalhou para fins de modernizar o sistema escolar do Estado, dirigido por Luiz Sanchez Bezerra da Trindade, com a participação de Elpídio Barbosa, subdiretor técnico; e João dos Santos Areão, Inspetor Federal de Nacionalização do Ensino. Neste contexto de reformas, a formação dos professores teve como destaque a atualização dos métodos de ensino perante as práticas anteriores consideradas atrasadas, baseadas em repetição e memorização. Investia-se assim, na adoção de métodos avaliados como renovadores, capazes de preparar para a vida e também o trabalho. A escola era pensada por meio de outros contornos, que ampliavam a sua relação com o ambiente em que estava inserida, promovendo experiências no fazer escolar em articulação com o currículo prescrito, tornando o estudo mais efetivo.

Circulares, portarias, decretos-lei, relatórios que fazem referências às associações auxiliares da escola, expedidos pelo Departamento de Educação, multiplicaram-se a partir de 1937. O volume de prescrições, instruções, normatizações, sinalizações em relatórios de inspeções indica o quanto elas se tornaram importantes como instrumento de intervenção estatal. Inspetores de ensino recebiam orientações para cobrar a implementação, acompanhar as atividades e avaliar o funcionamento dessas associações; sendo diretores e professores frequentemente mobilizados a atuar em sua promoção no âmbito das escolas tanto públicas como privadas. No caso de Blumenau, a análise de relatórios de fiscalização das escolas, demonstra que os inspetores registravam nos termos de visitas as associações escolares que já estavam funcionando e também recomendavam a criação daquelas que ainda faltavam, afirmando perante o professor, que assinava o termo, o destaque que essas organizações deveriam assumir.

Essa política foi ao encontro do projeto de nacionalização, em curso no Estado desde o final do século XIX, mas que recrudescer nas décadas de 1930 e 1940, durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945). Entre as iniciativas de afirmação da brasilidade estava a proibição aos estrangeiros e seus descendentes de usar o idioma de origem, determinação que atingiu de forma impactante o funcionamento de inúmeras escolas, principalmente, aquelas onde a língua nacional era tratada como uma espécie de segunda língua, muitas delas instaladas em áreas de imigração em diferentes regiões de Santa Catarina.

Essa era a característica da maioria das escolas que funcionavam em Blumenau desde a segunda metade do século XIX até a década de 1930, quando as ações nacionalizadoras foram adquirindo maior capilaridade nas inúmeras comunidades escolares. O território que compunha Blumenau era bastante extenso e os povoadamentos ficavam em localidades afastadas, aspecto que contribuiu para a criação de muitas escolas por meio de iniciativas particulares, com números que chegaram a mais de uma centena. Os desmembramentos para a formação de novos municípios a partir de 1930, deixaram Blumenau com uma configuração geográfica reduzida, o que resultou na diminuição da quantidade de escolas. Em 1950, o Relatório administrativo do município registrou o funcionamento de cerca de sessenta escolas, a maioria municipal, além das estaduais e poucas particulares.

Afirmar a língua portuguesa na formação das gerações de descendentes nascidos no Brasil era primordial, mas também ensinar sobre as referências culturais brasileiras, produzindo uma atmosfera de interesse e pertencimento a nação, fazia parte do projeto nacionalizador, sendo a escola utilizada como sustentação dessa formação da identidade nacional (Silva, 2014). Nesse processo, o jornal ocupava algumas funções. Era uma prática pedagógica que deveria atender às expectativas demandadas às associações auxiliares, ao mesmo tempo, que operava como importante divulgador das outras associações existentes na escola, como os clubes agrícolas e as ligas pró-língua nacional. Além disso, foi responsável por conduzir uma linguagem nacionalizadora, com edições produzidas também para atenderem as demandas da exaltação nacional, por meio de uma comunicação que demarcava a autoridade escolar perante a comunidade, muitas vezes constituída, majoritariamente, por imigrantes e descendentes, como no caso de Blumenau, com a predominância da colonização alemã.

As cobranças institucionais para a existência das associações escolares assumiram em Blumenau contornos singulares, como o próprio sistema escolar iniciado ainda no período da colonização. Por longos anos foi formado por escolas particulares, cada uma com sua própria Sociedade Escolar, constituída por um conjunto de moradores de localidades distantes, proprietária do patrimônio material (terreno, edifício, material didático) e mantenedora dos gastos com material didático e o professor. Era uma estrutura referenciada nas características escolares da Alemanha, apesar das adaptações necessárias perante as diferentes demandas no Brasil. Em relação às escolas classificadas como públicas, a maioria delas funcionou por vários anos de forma híbrida. De maneira mais intensa a partir de 1935, as escolas que foram fundadas como particulares, começaram gradualmente a serem mantidas pelo poder público, responsável pelos custos de funcionamento, porém, sem romper por completo a vinculação com suas Sociedades Escolares, detentoras dos bens materiais. Eram poucas as escolas que tinham se originado como públicas, sem qualquer contribuição da comunidade. Entre as 9 escolas com jornais selecionados para serem analisados, apenas o Grupo Escolar Luiz Delfino foi criado como iniciativa governamental promovida pelo Estado, em 1913.

O que esse cenário das escolas confirma é que em Blumenau, as associações escolares, mobilizadas com maior vigor a partir da década de 1940, contribuíram com a formação da identidade nacional, perante comunidades que continuavam a manter evidentes relações com as referências culturais alemãs. Era preciso elaborar junto às crianças e, de forma estendida, às famílias, hábitos que procurassem incutir o ideal de dedicação ao Brasil. Isso envolvia dominar a língua portuguesa, mas também, aprender outros comportamentos de cidadania, ritualizados na cultura escolar, como realizar de maneira sistemática “festinhas”, organizadas pelas associações com o propósito de integrar a criança e, em algumas ocasiões as próprias famílias, por meio

de práticas lúdicas, as demandas e ao ambiente escolar, redefinido como uma extensão da vida nacional. Frequentemente noticiadas nos jornais escolares, essas práticas descontraídas, aparentemente sem comprometimento pedagógico, eram rememoradas pelas escritas atribuídas as crianças como eventos de grande importância no tempo e espaço da escola, destacando a importância dessas experiências, inclusive, quando interagiam com o cotidiano local, envolvendo desfiles pelas ruas, passeios nas áreas próximas e outros movimentos.

Como articulador dessas experiências, conduzindo um tipo de itinerário mensal da escola, mas também da comunidade, os jornais escolares reuniam as memórias e as expectativas das crianças relacionadas a suas atividades dentro da escola, mas também ao propiciar que as crianças estabelecessem interlocuções com elementos culturais, sociais e políticos, manifestados fora da escola. De diferentes formas, a esfera privada adquiriu dimensão pública quando, por exemplo, trazia relatos sobre as férias, narrando vivências de estudantes com seus vizinhos, a natureza, os afazeres domésticos, as relações familiares e muitos outros aspectos da vida comum, além de acontecimentos considerados proeminentes no município, no Estado, em âmbito nacional e, inclusive, em escala internacional, como a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Nesse sentido, não foi surpresa, encontrar em jornais escolares de Blumenau, referências a comemoração do Centenário do município, demarcada em 2 de setembro de 1950, mas que se estendeu por vários dias, por meio de diferentes atividades que movimentaram os moradores e os visitantes, incluindo autoridades de dimensão nacional. O jornal *O Pioneiro Escolar*, publicou partes do programa festivo, descrito pelo estudante Mário Osvaldo Sada, do 3º ano Z:

Dia 1º fomos à recepção dos ilustres senhores Dr. Aderbal Ramos da Silva e Dr. Nereu Ramos. À meia noite houve toques de clarins e banda de música, anunciando o início dos festejos do centenário. No dia seguinte, dois de setembro, os colégios desfilaram; dia 3 passaram os carros alegóricos, representando desde a fundação da colônia até a época atual. Finalmente no dia 7, todas as escolas desfilaram. Estava tudo muito bonito (Sada, 1950, p.1-2).

Antes mesmo da data oficial, os festejos iniciaram com a recepção das autoridades que marcaram presença, não apenas pelos cargos em que estavam investidos, mas também como tentativa de assegurar o reconhecimento do evento como uma data pertencente a história regional e, portanto, inserida no repertório nacional. Não parecia ser pertinente descuidar para que o discurso e as práticas locais atribuíssem o acontecimento apenas ao mérito dos primeiros estrangeiros alemães. Esse contexto, trazido dos bastidores da comemoração, importa para compreender que uma festa precisa ser pensada como articuladora de interesses que estão em disputa na sociedade e não deve ser considerada somente a manifestação do contentamento. A participação de Nereu Ramos, no momento, vice-presidente do Brasil, demonstrava que Blumenau continuava a ser observada por alguém, que muitos consideravam, o maior agente nacionalizador, sendo responsabilizado pelas ações, recém encerradas, de repressão aos imigrantes alemães e seus descendentes, quando era o interventor estadual escolhido por Getúlio Vargas. Mesmo que o estudante Mário, não tivesse clareza dessa conjuntura política, escolher iniciar a escrita com a presença de Nereu Ramos diz muito sobre a forma que os discursos circularam no tempo da comemoração, ainda fortemente relacionado com o tempo da nacionalização.

Os elogios explicitados nessa escrita, fizeram parte de todas as notícias nos jornais escolares analisados, deixando evidente o anúncio de uma visão grandiosa sobre a comemoração, que envolveu diretamente as escolas pelo menos em dois dias. Entre eles, 7 de setembro, uma data que desde o estabelecimento do 32º Batalhão de

Caçadores em Blumenau, a partir de 1939, como parte das ações de nacionalização na região do Vale do Itajaí, fazia parte do calendário escolar por meio da promoção de desfiles e intervenções militares direcionadas aos estudantes com a prática de jogos, campeonatos e festinhas cívicas.

No ano de 1950, esse entrelaçamento com a data de comemoração nacional da Independência do Brasil, intensamente destacada em todas as edições de setembro de todos os jornais escolares produzidos por escolas em Blumenau e passíveis de consulta, foi enaltecido também por outros jornais. No *Graúna*, o texto de abertura, sem autoria registrada, recebeu o título de “Nossa cidade fez 100 anos” e comunicou que “no dia 7 de setembro o grandioso dia da Pátria, teve lugar a parada onde os alunos dos estabelecimentos desfilaram com muito garbo” (Nossa, 1950, p.1). Também no jornal *Avante*, a escrita atribuída à estudante Letícia da Silva, do 3º ano, narrou que após o festejo no dia 2, “no fim de cinco dias houve outra festa que foi a festa de 7 de setembro. Destas duas, a que eu gostei mais foi a festa do centenário” (Silva, 1950, p.1). Ainda no jornal *Ordem e Progresso*, a estudante do 4º ano, Elvira Maria Borba, acrescentou a informação, de que no desfile do centenário, membros do exército também estavam presentes (Borba, 1950, p.1). De maneira mais declarada, o periódico *Nosso Jornal*, avaliou ser uma “Feliz coincidência - dentro da Semana da Pátria, Blumenau comemora sua data centenária” (Feliz, 1950, p.5).

Em todos esses jornais, as fronteiras entre as duas festas foram borradas, tudo indica que de forma intencional e, não apenas por acontecerem no mesmo mês. Isso porque, não era pertinente que a comemoração do Centenário de Blumenau ofuscassem completamente a celebração da Independência, para não parecer um descaso com a data nacional. Além disso, era importante que o Exército, como principal organizador das atividades alusivas a 7 de setembro, não deixasse também de ter algum tipo de influência nos movimentos de festejos do município, especialmente, em um momento em que estrangeiros estariam sendo homenageados.

O Centenário de Blumenau acontecia em um tempo de latência, na chave de leitura de Hans Ulrich Gumbrecht (2014), quando existe uma ausência sentida, que pode ser reconhecida e tornada presença na procura pelas brechas. Assim, os jornais escolares fazem parte do que se materializa como brechas, pois, expressaram os discursos do momento, aprendidos por meio de um instrumento pedagógico. Em 1950, fazia poucos anos do término do Estado Novo, período de implementação do projeto nacionalizador, que impôs ao município mudanças capazes de afetar intensamente as relações políticas com as esferas estadual e nacional. A saída de Getúlio Vargas e de seus aliados políticos dos postos de comando, no caso de Santa Catarina, o interventor Nereu Ramos, exigiu uma reorganização das forças políticas, redefinidas por siglas partidárias.

Em Blumenau prevaleceu a influência do grupo que assumiu compromissos com a União Democrática Nacional (UDN), caracterizado por concepções conservadoras e críticas a Vargas e seus aliados de outrora, como Nereu Ramos. Esse partido elegeu os prefeitos seguintes e ocupou a maioria das cadeiras legislativas do município. Entretanto, esse não era o cenário político nem do Estado e nem do governo federal, comandado pelo Partido Social Democrático (PSD), o que demandou movimentos controlados para as lideranças políticas locais, a maioria delas impactadas de alguma forma com as determinações da nacionalização, especialmente, por terem vínculos étnicos como descendentes de alemães. Havia inclusive, vereadores novamente eleitos, que anteriormente participaram da Ação Integralista Brasileira (AIB) e, tinham sido depostos com o golpe de 1930. Era o caso do professor João Durval Müller, que havia atuado em duas das três escolas, posteriormente reunidas para formar, no final

da década de 1940, a escola conhecida como Escolas Estaduais de Velha, onde era produzido o jornal *Graúna*.

Perante essa conjuntura que marcava o ano de 1950 em Blumenau, figuravam aqueles insatisfeitos ou que deixavam escapar lampejos de memórias ressentidas relacionadas ao passado inacabado da nacionalização (Neves, 2019). Tratava-se de um passado presente, que disputava posição em um tempo onde continuavam em cena os nacionalizadores, como militares, agentes estatais, incluindo os próprios inspetores escolares. Porém, também assumiram contornos mais definidos os desnacionalizadores, aqueles que foram apontados como interessados em desconfigurar as práticas de nacionalização exercidas nos últimos anos, especialmente, as lideranças locais no campo político, comunitário e religioso. A noção de desnacionalizar aparece nos anos seguintes do término do Estado Novo, sendo o termo apresentado na imprensa local, aonde circularam embates envolvendo comportamentos observados na esfera pública, considerados descomprometidos com a causa nacional, como o retorno da fala em língua alemã.

Essa noção de desnacionalização diz respeito a um conjunto de estratégias que passou a ser operado no cotidiano público da cidade, como práticas interessadas em reativar referências culturais germânicas que nos anos anteriores foram silenciadas, mas não esquecidas. O ambiente democrático, fomentado após a ditadura do Estado Novo, parece ter contribuído com a decisão de manifestar comportamentos que haviam sido proibidos para os imigrantes e descendentes, mesmo que isso significasse trazer à tona as tensões políticas que contornavam as relações sociais.

Entre esse embate da nacionalização e desnacionalização estava a comemoração do Centenário de Blumenau. Os preparativos tomaram conta da cidade e iniciaram antes mesmo de 1950, intensificando-se durante todo aquele ano. Muitas foram as movimentações organizadas publicamente pelas lideranças políticas e industriais, interessadas especialmente em exaltar a imigração alemã, maioria étnica na colônia fundada na segunda metade do século XIX por Hermann Bruno Otto Blumenau, festejado com exaltação, como mito fundador (Annuseck, 2005). Também outros colonizadores foram descritos como “heróis”, por terem assumido os riscos de emigrar para terras desconhecidas e “desbravar” a mata repleta de desafios como, a grande vegetação, os animais e os índios, ambos avaliados como selvagens que precisavam ser removidos do território ou “domesticados”.

Os jornais escolares, como ferramentas pedagógicas que alcançavam a vida social, também compartilharam essa leitura gloriosa da fundação e desenvolvimento de Blumenau, inclusive manifestando concepções que desqualificavam os indígenas, considerados empecilhos que deveriam ser combatidos pelos colonizadores. No jornal *Avante*, a estudante Letícia da Silva registrou que “Os colonos tiveram que lutar contra as dificuldades das grandes enchentes e dos ataques dos índios” (Silva, 1950, p.1). O indígena violento e arredio ao contato com a civilização, apareceu novamente na escrita da estudante, Siny Schumacher, da 3ª série, no jornal *Meu Brasil*, da Escola Mista Municipal Desdobrada Anita Garibaldi:

Certa vez foram presas pessoas índias, das quais: 2 mulheres, [...] rapazes e 2 meninas. Os colégios trataram de civiliza-los. O governo trabalhou também na civilização dos índios, porém, obteve muito pouco resultado, porque os indígenas retiraram-se cada vez mais longe nas matas (Schumacher, 1950, p.2).

A civilização aparece no texto como benefício, um bem maior contra “o estado de selvageria”, mas que poucos indígenas quiseram aproveitar. A captura, parte da política indigenista de extermínio, praticada por determinação dos poderes governamentais e pela iniciativa particular dos chamados colonos, aparece em 1950,

como uma espécie de oportunidade oferecida para uma vida em sociedade, com costumes e valores superiores.

Os primeiros anos do século XX também receberam atenção nos festejos de 1950, figurando como um período de maior estabilidade e desenvolvimento devido às conquistas até então alcançadas. As ações de nacionalização, por conta da entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial contra a Alemanha em 1917, não apareceram narradas nos desfiles e exposições. Muito menos, as experiências durante o período do governo de Getúlio Vargas, quando estava em operação o projeto nacionalizador que interferiu profundamente no funcionamento da vida local. Demarcar essas memórias nos programas oficiais de comemoração não pareceu ser conveniente, já que as tensões políticas ainda demandavam cuidados nas relações com o governo estadual e nacional, mas também entre os atores políticos do próprio município, que precisaram vestir outras roupagens perante seus comportamentos e escolhas nos anos anteriores.

O maior enfoque dos festejos estabeleceu intensa relação com o processo de colonização no século XIX, sob a liderança do Dr. Blumenau, denominação habitual para se referir ao fundador. Assim, ele também foi chamado em alguns jornais escolares, centralizado como personagem principal, que havia deixado de herança sua coragem, perseverança e trabalho árduo. Essas características atribuídas aos pioneiros, portanto, imigrantes alemães, foram em 1950 apresentadas e vinculadas, de maneira cuidadosa, à origem étnica desse grupo. A principal publicação alusiva a comemoração do Centenário, o livro intitulado *Centenário de Blumenau: 1850 – 2 de setembro – 1950*, lançado durante os festejos, investiu incansavelmente nessa perspectiva glorificadora dos pioneiros, capitaneados pelo fundador da colônia. Assim também procedeu a exposição elaborada pela indústria de louças, chamada de Porcelana Schmidt, referenciada por alguns jornais escolares de maneira elogiosa, como no texto inicial deste artigo. O jornal *O Beija-Flor*, dedicou sua sessão de abertura, exclusivamente para apresentar elementos da exposição dessa indústria, atribuindo a beleza das peças as imagens fixadas no momento da fabricação sobre a colonização de Blumenau e o acontecimento do Centenário. A estudante Karim Haestel, do 4º ano A, relatou como foi sua visita na exposição, finalizando seu texto com a avaliação de que “tudo estava arrumado com gosto e muito sugestivamente, ficando todos os visitantes admirados e entusiasmados com tão belos e lindos objetos: pratos e xícaras que recordam o tempo passado, imitando-o na forma e no desenho” (Haestel, 1950, p.1).

Em seus dizeres, Karim expressa a ideia de um passado que pode ser imitado, acionado como uma captura da realidade, entretanto, também reconhece que havia uma organização sugestiva, demonstrando que a exposição produzida por integrantes da elite industrial, tinha uma intencionalidade naquele presente. Desejava apresentar uma Blumenau com um passado exuberante e harmônico, utilizando os objetos com as imagens para compor, juntamente com o conjunto das atividades comemorativas, um repertório imagético sobre o passado e o presente, que estava legitimado para acompanhar o crescimento da sua geração de estudantes, parte dos moradores da cidade centenária.

A vigorosa campanha do Centenário, parece ter sido fundamental para sustentar e ampliar essa mensagem, que sobrevive até a atualidade, sobre desbravadores alemães que, por meio do trabalho, contribuíram de maneira exemplar com o desenvolvimento do Brasil. Para muitos em Blumenau, especialmente, suas lideranças políticas, essas qualidades já estavam anunciadas, faltava apenas obter o reconhecimento externo, a nível nacional. A comemoração do Centenário teve também essa função.

No texto do jornal *Alerta Estudantes!*, que inicia este artigo, Hermann Blumenau foi descrito como “destemido fundador”, pois, foi reconhecido como aquele que enfrentou os desafios em uma parte do território brasileiro em condições de isolamento e muitas dificuldades. Suas iniciativas para a formação da colônia, na metade do século XIX, foram apresentadas como essenciais para a prosperidade vivida pelo município em 1950, demonstrando que aquele progresso deveria ser encarrado com orgulho pelo Brasil. A última frase atribuída no mesmo jornal ao estudante Jorn Schutthus, é um dos trechos do hino do Centenário, apresentado na íntegra no jornal escolar *Nosso Jornal*. Nessa estrofe, compartilhada por pelos dois jornais, o fundador aparece como quem já vislumbrava o desenvolvimento da terra escolhida, projetada no sonho do pioneiro. As origens são exaltadas como parte de um planejamento audacioso, que possibilitou a evolução da colônia, tornada um município que deveria ser visto como um orgulho para o Brasil.

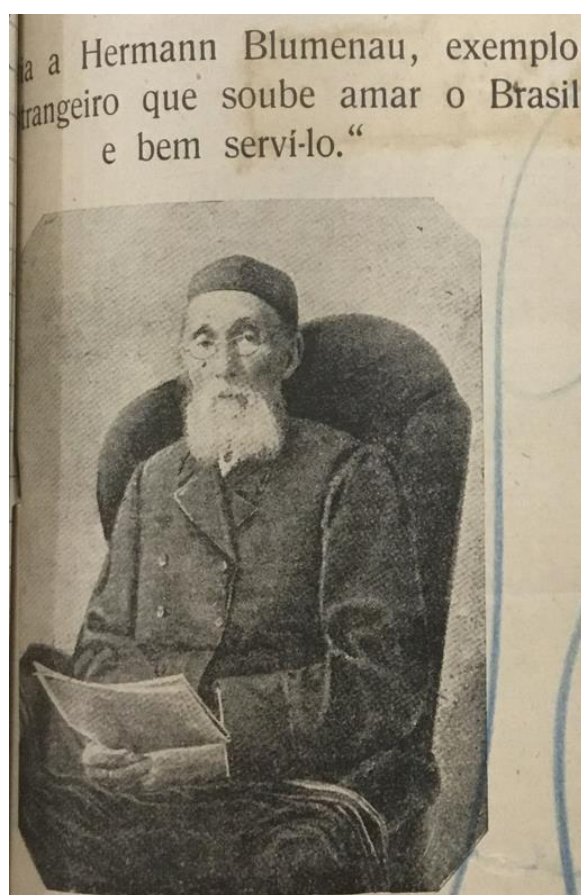
Na continuidade do hino, na última estrofe, os imigrantes aparecem de forma genérica como “europeus”, sem especificar um grupo étnico. Contudo, a letra da música explicita que se tratavam de “heróis europeus”, realizadores de um trabalho épico, que se tornava lendário. Houve a tentativa de relacionar esse reconhecimento do valor dos europeus com a grandeza das terras brasileiras “férteis, imensas, sem dono”, conforme a primeira parte do hino. Esse lugar imaginado, estava sendo ocupado e transformado pelo empenho dos imigrantes, trazidos pela iniciativa do colonizador, chamado no hino de “sonhador”. Na íntegra, a estrofe final dizia:

Blumenau! Blumenau! Tuas fontes
Contam lendas de heróis europeus;
E ressoam, gemendo, nos montes,
As canções brasileiras do adeus;
Em teu seio a riqueza se expande,
O' rincão meu, formoso e gentil,
E o progresso tornou-se tão grande
Que és o orgulho de nosso Brasil!”
(Hino, 1950, p.1)

Como uma espécie de ajustamento nas intenções e discurso nacionalizador, com os festejos do Centenário, Blumenau assumia o compromisso com o ideal do progresso, almejando ser posicionada em condição de destaque perante outros municípios brasileiros. De forma controlada pela elite local, aquela atingida pela nacionalização dos anos anteriores, a integração nacional aparece como propósito por ser uma alternativa viável, desde que Blumenau mantivesse o protagonismo, ainda motivado pelas raízes da origem alemã que foram responsáveis pela colonização (Frotscher, 2007). Essa narrativa disposta formalmente na dimensão pública, foi amplificada com os atos de comemoração divulgados por meio de diferentes ferramentas de circulação, inclusive pelas escolas locais, com auxílio dos seus jornais.

Na imagem abaixo, apresentada na primeira página, ainda do *Nosso Jornal*, ao lado da descrição do hino, aparece o fundador Hermann Blumenau, em uma fotografia que remete aos últimos anos de vida, já de volta na Alemanha. O recurso visual contribuiu para referenciar no imaginário um homem sábio, que após muitos anos de lutas, descansava na terra de origem com a missão, da colonização alemã em terras brasileiras, cumprida.

Imagem 1: Fotografia do fundador da colônia Blumenau impressa no jornal escolar *Nosso Jornal*.



Fonte: Homenageia, 1950, p.1.

Associada a imagem, a escrita destacou Hermann Blumenau como um imigrante que muito fez pelo Brasil ao contribuir com seu desenvolvimento, criando uma colônia que após cem anos, era um município de grande valor, que deveria ser legitimado perante o restante do Brasil. A abordagem trazia um sentido de dívida com o imigrante alemão, que por meio do seu trabalho, soube servir o país onde construiu um legado para as gerações futuras.

Diferente do tempo da nacionalização, nas décadas de 1930 e 1940, quando eram os imigrantes que deveriam se sentir em dívida com o Brasil por terem sido acolhidos em um território de muitos recursos, a comemoração do Centenário anunciava outros contornos para o entendimento sobre nacionalizar. Significava o reconhecimento dos valores culturais alemães, vinculados especialmente, a noção de trabalho e, empregados também para a prosperidade nacional. A via escolhida para movimentar essa perspectiva, foi exaltar a figura do bom imigrante, personificada por Hermann Blumenau, aquele que soube firmar laços aproximados com o próprio governo imperial, na relação com D. Pedro II. Nesse sentido, alguns dos jornais escolares analisados, noticiaram como forma de preparativo para o Centenário, a campanha realizada com os moradores do município, incluindo as escolas, para arrecadar fundos que custearam a fabricação do monumento em homenagem ao imperador. A inauguração do busto, posicionado no acesso do Grupo Escolar Pedro II, responsável pela publicação do jornal *Nosso Jornal*, foi divulgada como uma das atividades inserida na programação da comemoração.

Além da divulgação do hino, elemento simbólico para fomentar os vínculos dos moradores com a data comemorativa, mais dois jornais escolares mobilizaram em suas edições de setembro, outro símbolo criado como ornamento, uma espécie de identidade visual, que foi impressa no selo do centenário. Trata-se de uma flor, que de um lado aparece na forma de botão, relacionada ao ano de 1850 e, do lado oposto está desabrochada, sendo marcada pela data de 1950. A iniciativa da colonização foi representada pelo broto que, com muita dedicação e cuidado, se tornou capaz de desenvolver uma flor, exemplificando o processo de crescimento de maneira evolutiva. A imagem foi exposta no jornal escolar *Ordem e Progresso*, colada no centro da página de abertura e cercada pela escrita assinada pela estudante do 4º ano, Elvira Maria Borba.

Imagem 2: Selo comemorativo para o Centenário de Blumenau.



Fonte: Borba, 1950, p. 1.

Juntamente com a representação da flor, a imagem trazia algumas palavras que destacavam o período da programação dos festejos, com início no dia 2 e seguindo até dia 10 de setembro, sendo a exposição prolongada até o mês seguinte. Ao inserir a imagem no jornal, observa-se como esses artigos festivos alcançaram diferentes instâncias e contribuíram com o referencial imagético sobre o Centenário, atuando os jornais escolares também como propagadores e guardiões dessa narrativa oficializada. Uma geração estava sendo educada para definir Blumenau como uma terra exemplar, onde o passado havia deixado marcas que deveriam motivar orgulho e estimular o desempenho de todos os moradores para a continuidade do legado colonizador, agora em nome do progresso.

No jornal *Graúna*, apenas a flor foi reproduzida na primeira página, sem autoria referenciada. Por meio de um desenho com o uso de lápis de cor, a imagem original foi copiada, demonstrando que não era um símbolo restrito a apenas alguns espaços, tendo assumido um caráter de domínio público. Também foi posicionado entre a escrita do texto de abertura e o que se diferenciava do jornal anterior, era a explicação do significado atribuído a flor, uma justificativa para a escolha do símbolo. Trazia a ideia da passagem do tempo, manifestada nas etapas de crescimento que permitiram o desabrochar da flor, assim como de Blumenau.

Imagem 3: Desenho reproduzindo a flor simbólica do Centenário de Blumenau.



Fonte: Nossa, 1950, p.1.

Assim como as crianças, a cidade também era um projeto de futuro, onde o passado deveria ser ensinado como alicerce, sendo as iniciativas dos antepassados de origem alemã reconhecidas, não apenas na dimensão privada, mas de forma pública, apresentadas pela bravura e por terem colaborado com a civilização Brasil, portanto, entendidas em 1950 como atos de patriotismo. Com a comemoração do Centenário, outros sentidos foram atribuídos a conceitos que nas décadas de 1930 e 1940, eram mobilizados para acusar a população de origem alemã de recusar a assimilação perante a cultura nacional.

Apresentar uma leitura oficial do Centenário, não impediu que os jornais escolares destacassem elementos que aguçavam mais os interesses das crianças, como o parque de diversão trazido de São Paulo, atração que foi relatada por quase todos os jornais pesquisados. As escritas, com maior ou menor grau de detalhes, expressavam a atmosfera de festejo na cidade, manifestada não apenas pelas atividades promovidas durante vários dias de programação, como a exposição, os carros alegóricos, que evidenciaram características históricas de Blumenau. Os estudantes demonstraram seus interesses com a decoração das ruas centrais, a expectativa pela visita das autoridades, as inaugurações de monumentos e outros fatores que atraíram as atenções dos estudantes. As próprias escolas foram atravessadas por esse clima ao decidirem abordar aspectos característicos da história de Blumenau e se prepararem para os desfiles que teriam a participação dos estudantes, assumindo a representação de outro símbolo, a geração do Centenário.

Considerações finais

O processo de escolarização das crianças em Santa Catarina, nas primeiras décadas de século XX, estabeleceu vínculos estreitos com o projeto nacionalizador, interessado em ensiná-las a ser brasileiras, educando para os deveres cívicos e patrióticos em relação a um Brasil imaginado, na chave de leitura daquela cultura política. Sob a perspectiva da construção e afirmação da nacionalidade, atribuiu-se à educação primária a responsabilidade de civilizar as camadas populares, trabalho que envolvia discipliná-las, torná-las produtivas, saudáveis, transformá-las assim em “povo”. Em nome desse projeto de nação, também atuaram os jornais das escolas, mobilizando usos variados do passado, comunicados por meio das notícias, das redações e descrições dos estudantes (sempre mediadas e controladas pelos adultos), frequentemente manuscritas em folhas de papel almaço. Um exemplar de cada jornal, produzido obedecendo a um modelo proposto pelo Departamento de Educação, deveria ser anexado junto a correspondência oficial das escolas.

Como portadores de culturas de memória, os jornais escolares contribuíram para a manutenção de discursos fundadores de valores hegemônicos, relacionados a uma determinada memória, em detrimento de outras possíveis. Nas páginas, usualmente organizadas a partir de colunas, encontram-se conhecimentos históricos articulados como parte das estratégias para forjar o cidadão, apto a reconhecer a grandeza nacional. Esse potencial pedagógico dos jornais, que fomentaram uma linguagem nacional, demonstrou ser de muita importância nas áreas de colonização estrangeira do Estado, fortemente marcadas pelos vínculos com as culturas dos países de origem dos primeiros imigrantes, como no caso de Blumenau, onde foi fundada uma colônia com a presença majoritária de alemães.

Apesar desse propósito oficial, de ensinar para a nacionalização, nos jornais escolares também cabe procurar pelas fissuras, aquilo que tem potencial de borrar os sentidos das palavras, mesmo quando os formatos das letras estão bem contornados. Trata-se de uma leitura das brechas ou como diz Georges Didi-Hubermann (2019, p.32-33), uma busca “sobre o fio”, pois, “o fio liga, encadeia e dá curso. Ou, ao contrário, *corta*, afia, amola e faz romper”.

Notas

ⁱ Com o objetivo de facilitar a leitura das fontes transcritas nesse artigo, a ortografia foi atualizada segundo as normas vigentes. Também foram suprimidos inserções e correções feitas sobre a escrita original dos estudantes.

ⁱⁱ Desmembrado de Blumenau e elevado à categoria de município, em 1958, com o nome de Pomerode. Ver: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/pomerode/historico>. Acesso: 09 set. 2024.

ⁱⁱⁱ Esses jornais fazem parte dos 1.386 elaborados pelas escolas primárias e secundárias catarinenses entre 1895 e 1970, que foram localizados (até 2024) pela pesquisa coordenada por Cristiani Bereta da Silva. Detalhes dos exemplares desses jornais de Blumenau e de outras cidades, podem ser consultados num catálogo preliminar, disponível *on-line* (Silva et al, 2023).

^{iv} Trata-se das pesquisas *Jornais escolares como culturas de memória: vestígios de presentes passados entre práticas culturais e políticas* (SC/1930-1960), coordenada por Cristiani Bereta da Silva, com bolsa produtividade em pesquisa do CNPq e *Projetos políticos e escolas públicas de Blumenau: entre escombros, esperanças e futuros* (1945-1964), desenvolvida por Anne Caroline Peixer Abreu Neves, no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Ambos os projetos contam com apoio da Fapesc, por meio de chamadas públicas de apoio à infraestrutura dos grupos de pesquisa da Udesc.

Referências

- Annuseck, E. (2005) *Nos bastidores da festa: Outras histórias, memórias e sociabilidades em um bairro operário de Blumenau (1940-1950)*. 151 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- Berstein, S. Culturas políticas e historiografia In: Azevedo, C.*et al* (Org.). *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p.29-46.
- Blumenau, Prefeito. (1950) *Relatório dos negócios administrativos do município de Blumenau, referente ao ano de 1950, apresentado à Câmara Municipal pelo Prefeito Frederico Guilherme Busch Júnior*. s/p.
- Borba, E.M. (1950). Centenário de Blumenau. *Ordem e Progresso*. Jornal da Escola Particular São José, Blumenau, setembro (5), p.1.
- Centenário de Blumenau*. 1850 – 2 de setembro – 1950. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950.
- Didi-Hubermann, G. (2019) *Sobre o fio*. Tradução de Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie.
- Escolano Benito, A. (2017) *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia*. Tradução e revisão técnica de Heloísa Helena Pimenta Rocha e Vera Lucia Gaspar da Silva. Campinas/SP: Editora Alínea.
- Frotscher, M. (2007) *Identidades Móveis: práticas e discursos das elites de Blumenau (1929-1950)*. Blumenau: Edifurb.
- Gumbrecht, H.U. (2014) *Depois de 1945: latência como origem do presente*. Tradução de Ana Isabel Soares. São Paulo: Editora da Unesp.
- Haestel, K. (1950). A exposição. *O Beija-Flor*. Jornal do Grupo Escolar Municipal Machado de Assis, Blumenau, 28 de setembro (49), p.1.
- Hino do Centenário. (1950). *Nosso Jornal*. Jornal do Grupo Escolar Modelo Pedro II, Blumenau, agosto e setembro (8), p.1.
- “Homenageia a Hermann Blumenau, exemplo de estrangeiro que soube amar o Brasil e bem servi-lo”. (1950). *Nosso Jornal*. Jornal do Grupo Escolar Modelo Pedro II, Blumenau, agosto e setembro (8), p.1.
- Neves, A.C.P.A. (2019). *Memórias Ressentidas: Escola Pública de Itoupava Norte substituída pelo Grupo Escolar Professor João Widemann (Blumenau, 1930-1950)*. 184 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.
- Nossa Cidade faz 100 anos!. (1950). *Graúna*. Jornal das Escolas Estaduais de Velha, Blumenau, 30 de setembro (35), p.1.
- Otto, F. (2012) *As associações auxiliares da escola e a forma de transmissão das dimensões valorativas e moral da sociedade catarinense: o caso das “Ligas de bondade” (1935-1950)*. 213 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Sada, M.O. (1950). Centenário. *Pioneiro Escolar*. Jornal do Grupo Escolar Luiz Delfino, Blumenau, 15 de setembro (3 e 4), p.2.
- Schumacher, S. (1950). Fundação de Blumenau. *Meu Brasil*. Jornal da Escola Anita Garibaldi, Blumenau, 30 de setembro, p.2.

Schutthus, J. (1950). Centenário de Blumenau. *Alerta Estudantes!*. Jornal do Grupo Escolar José Bonifácio, Blumenau, setembro (6), p.1-2.

Silva, C.B. (2014) História nacional e a construção do “espírito brasileiro” (Santa Catarina – décadas de 1930 e 1940). In: ____ (org.) *Educar para a Nação: cultura política, nacionalização e ensino de História nas décadas de 1930 e 1940*. Curitiba: CRV.

Silva, C.B.; Gesser, C.H.; Dutra, E.M.; Martins, R. V. (2023) *Catálogo dos jornais escolares catarinenses*. Florianópolis. Disponível em: <https://jornaiscolarescatarinenses.webnode.page/catalogo/>. Acesso 26 abr. 2024.

Silva, C.B.; Vieira, V.M. (2024) Jornal escolar *O Girafinha* como vestígio de culturas de escola e de memórias (Maravilha/SC - Décadas de 1970-1980). *História da Educação*, 28, p. 1-26. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/heduc/a/nwffRGXtb8fvc5zFwh9HpnB/abstract/?lang=pt#>. Acesso 26 set. 2024.

Silva, L. (1950). Fundação de Blumenau. *Avante*. Jornal da Escola Municipal Orestes Guimarães, Blumenau, 20 de setembro (16), p.1.

Viñao Frago, A. (1995) Historia de la educación e historia cultural. *Revista Brasileira de Educação*, 1, (0), p. 63-82.